

Filósofa e mística

O radical humanismo de Simone Weil, morta aos 34 anos, é redescoberto em todo o mundo

Por: Maria Clara Bingemer

Há pouco mais de 60 anos, na solidão da noite de 24 de agosto de 1943, morria, na mais completa solidão, em um sanatório de Ashford, Inglaterra, a filósofa francesa Simone Weil. Aos 34 anos apagava-se uma vida que, apesar de curta, marcou a história e o pensamento do Ocidente do século 20.

Ainda pouco conhecida no Brasil, só no final de década de 80 suas obras começaram a ser traduzidas aqui. Entre elas, *Pensamentos desordenados acerca do amor de Deus e A espera de Deus* (ECE), *O enraizamento e Opressão e liberdade* (Edusc), *A condição operária* (Paz e Terra), *Aulas de filosofia* (Papyrus) e *A gravidade e a graça* (Martins Fontes).

No entanto, Simone Weil chama cada vez mais a atenção de pesquisadores estrangeiros na Europa e nos Estados Unidos. Suas obras completas, em processo de publicação na França, pela Gallimard, chegam a 17 volumes.

No Brasil, ela foi homenageada esta semana por um grande seminário, realizado no Rio, em Belo Horizonte e em São Paulo, com a presença de especialistas estrangeiros, como a socióloga italiana Giulia Paola di Nicola, que veio lançar *Abismos e ápices*, uma das melhores análises sobre a vida e a obra de Weill.

Simone nasceu em Paris a 3 de fevereiro de 1909, filha de uma família de origem judaica. Seu pai era um médico da Alsácia e sua mãe originária da Rússia. Seu irmão foi um precoce matemático, mais tarde brilhante docente em Princeton, EUA. Formada em filosofia pela Sorbonne, em Paris, Simone foi a primeira mulher catedrática da França. Formada em completo agnosticismo, desde muito jovem revelou-se apaixonada pelo tema da condição humana no mundo do trabalho.

Militante aguerrida na juventude, Simone viveu intensamente as lutas, esperanças e dores de seu tempo. Profundamente consciente da opressão de que eram vítimas os operários em seu país, levou sua solidariedade a ponto de deixar a cátedra e trabalhar numa fábrica pelo período de um ano.

De acordo com suas palavras, essa decisão era, antes de tudo, "um ato de obediência" que, uma vez vivido, será percebido como tendo "matado sua juventude e configurado sua pessoa à desgraça e infelicidade alheias". Nos anos 30 a intelectual Simone vive junto aos operários franceses a crise e o desemprego. São anos duros, decisivos em sua vida. Neles, em suas cortantes palavras, recebe na carne a marca da escravidão que "é o trabalho sem luz de eternidade, sem poesia, sem religião".

Durante a evolução de seu processo intelectual e interior, a filósofa que experimenta de dentro a vida dos pobres em condições de aguda exploração ficará marcada e ferida para sempre pela verdade de que "nenhuma poesia sobre o povo é autêntica se a fadiga não estiver presente nela, assim como a fome e a sede nascidas da fadiga". Simone deixará, a partir daí, em seus escritos históricos e políticos, um insuperável diagnóstico das causas da escravidão moderna, na qual "as coisas representam o papel dos homens, os homens representam o papel das coisas: eis a raiz do mal".

A "marca da escravidão" e o sentimento de solidariedade levarão Simone à fé cristã, quando, numa viagem de repouso em Viana do Castelo, um vilarejo português de pescadores, assiste a uma procissão das mulheres do lugar. Em seu ardente relato diz: "Ali tive de repente a certeza de que o cristianismo é, por excelência, a religião dos escravos, que os escravos não podem não aderir a ela, e eu entre os outros."

Mais tarde, em Assis, tem significativa experiência religiosa: na capelinha românica do século 12 de Santa Maria dos Anjos, "incomparável maravilha de pureza onde São Francisco rezou muitas vezes, alguma coisa mais forte do que eu me obrigou, pela primeira vez na vida, a me pôr de joelhos".

A partir daí, o itinerário de vida de Simone vai ser um contínuo despojar-se, um "abaixar-se" e um ir ao encontro de uma proximidade cada vez mais amorosa e profunda

ao Cristo Crucificado e sempre mais solidária com os pequenos, os humildes, os desprezados, os "párias" da modernidade.

Nesse despojamento solidário aos excluídos, Simone é progressivamente seduzida pelo cristianismo. Na Páscoa de 1938, vai com a mãe à abadia beneditina de Solesmes ouvir canto gregoriano. Ali conhece estudantes que lhe apresentam obras de poetas ingleses do século 17. Tendo aprendido de um deles o poema "*Love*", de George Hebert, passa a recitá-lo continuamente, sem perceber que já o faz em espírito de oração. É em uma dessas ocasiões, em novembro de 1938, que tem uma experiência mística profunda: "... senti, sem estar de maneira alguma preparada, porque nunca tinha lido os místicos, uma presença mais pessoal, mais certa, mais real que a de um ser humano... No instante em que Cristo se apoderou de mim, nem os sentidos, nem a imaginação tiveram parte alguma; senti somente através do sofrimento a presença de um amor semelhante ao que se lê no sorriso de um rosto amado".

Agudamente consciente do genocídio que se aproxima, Simone vive na carne os tempos difíceis da ascensão do nazi-fascismo na Europa, tempos "em que tudo o que normalmente parece constituir uma razão de viver se desvanece; em que devemos, sob pena de afundarmos no desnorteamento ou na inconsciência, questionar tudo". A Segunda Guerra Mundial será para ela a derradeira interpelação. Formula planos irrealizáveis de engajamento no conflito recusados pelas autoridades francesas. No racionamento alimentar do tempo de guerra dá a maior parte de seus talões para os refugiados e senta-se à mesa dos mais miseráveis para compartilhar as refeições.

Apaixonada por Cristo e sentindo-se plenamente cristã, Simone Weil no entanto recusa-se a aceitar o batismo, oferecido por seu confessor. Aceitá-lo seria, a seus olhos, trair o desamparo que entende ser seu lugar de permanência. Abrigar-se nas seguranças da Igreja, separando-se dos esquecidos e proscritos, junto aos quais o amor de Deus se faz "quase" impossível, "mais ausente que a luz numa cela tenebrosa", soa para ela como traição. Encontrar o Bem junto a eles, em meio às celas tenebrosas do mundo, é algo que exige toda a atenção, sem nunca poder ser obra da própria vontade. Essa atenção é, para Simone, tecida de paciência, esforço e método, mas antes de tudo "a atenção

absolutamente sem mistura é oração" e está ligada "não à vontade, mas ao desejo. Ou mais exatamente ao consentimento".

Longe da desejada participação ativa ao lado dos combatentes do nazismo, impedida de entrar na França ocupada pelos alemães, Simone morre debilitada e sozinha, no sanatório de Ashford. Como se pressentisse seu destino, essa estranha mística de nossos modernos tempos escreveu: "... solidão. Qual será o seu valor? (...) O seu valor consiste na possibilidade superior de atenção".

Nestes momentos finais de sua vida, sozinha em um leito de hospital, certamente a atenção de Simone foi toda ela atraída para a contemplação de Deus na miséria humana, pois "só uma coisa de Deus podemos saber: que Ele é o que nós não somos. Apenas nossa miséria é a imagem disso. Quanto mais a contemplamos, tanto mais O contemplamos". Simone encontra aí a chave para o segredo do caminho do ser humano em direção ao Absoluto: a vulnerabilidade e mortalidade humanas.